

**TUDO O QUE É SÓLIDO SE DESFAZ  
NO CIBERESPAÇO: A GUERRILHA DIGITAL  
DOS ZAPATISTAS**

**Eduardo Cavalcanti**

Universidade Metodista de São Paulo

**RESUMO**

Os zapatistas foram pioneiros no uso da Internet como instrumento estratégico para a ação política. Das selvas de Chiapas, eles desenvolveram uma rede de comunicação que chamou a atenção do mundo para a questão indígena no sul do México. Tornaram-se, assim, o primeiro grupo organizado a empreender, através da Web, uma oposição sistemática contra os efeitos da globalização econômica. O exemplo seria seguido por milhares de outros ativistas, em todas as partes do globo, que passaram a explorar a descentralização e a transmissão horizontal das informações na rede para formar uma rede intercontinental alternativa contra o liberalismo. Os impactos sociais e políticos da comunicação on-line mostram que, apesar das restrições estruturais nos países menos desenvolvidos, o uso das novas tecnologias permite formas inovadoras de exercício da democracia.

**PALAVRAS-CHAVE**

**Comunicação, Internet, informação, novas tecnologias, democracia, zapatismo, globalização.**

**INTRODUÇÃO**

Em seu discurso na entrega do prêmio de Comunicador do Ano, do Center for Communication de Nova York, em abril de 1994, o magnata da mídia Rupert Murdoch ironizava sua concorrente, a CNN de Ted Turner, dizendo que, graças a ela, “camponeses felizes da Coréia do Norte podiam ver camponeses felizes em Cuba, graças aos camponeses felizes de Atlanta”

(Pavlik, 1996, p 311). Ele se referia apenas aos salários pagos por Turner aos seus funcionários, que estavam em greve, mas não podia imaginar que, em algum lugar da selva mexicana, camponeses zangados de Chiapas mostravam a todos os outros camponeses zangados do mundo o que fazer com a tecnologia dos camponeses (os trabalhadores das linhas de montagem de hardware e os produtores de software que realizam jornadas ininterruptas de trabalho) da AT&T, IBM e Microsoft.

## DESENVOLVIMENTO

O ano de 1994 começou com as redações de jornais e revistas do mundo inteiro recebendo mensagens pelo correio eletrônico anunciando que uma organização formada por homens e mulheres armados e de rostos cobertos, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), havia assumido o controle de 16 cidades no estado de Chiapas, no sul do México, e agora declarava oposição radical ao governo do presidente Salinas de Gortari. Os comunicados eram escritos pelo principal porta-voz do movimento, o subcomandante Marcos, e enviado pela Internet à imprensa mexicana e internacional, bem como a qualquer pessoa ligada à rede.

“Não se tratou apenas de diálogo”, como argumentam Massimo Di Felice e Cristobal Muñoz. “Além do reconhecimento, da adesão e do consenso ganhos, dentro e fora do país, (os zapatistas) iniciaram uma série de atividades políticas concretas que quebrou os limites geográficos de sua ação política” (1998, p 17). Apenas no sentido tradicional do conflito de guerrilha o levante dos zapatistas estava confinado a Chiapas. O alcance político da ação dos zapatistas não era limitado por limites geográficos. A revolução perseguida pelo EZLN ganhou repercussão global, muito além das fronteiras nacionais. “Através das modernas redes de computadores, os zapatistas teceram um novo tecido eletrônico de luta para carregar sua revolução através do México e ao redor do mundo” (Cleaver, 1998).

Mais que as barreiras geográficas, os comunicados on-line emitidos desde Chiapas superavam também o bloqueio da mídia ao que ocorria naquela região da América Latina. Tanto as emissoras de tevê mexicanas quanto os grandes jornais norte-americanos davam sua própria versão do movimento. Através do correio eletrônico, o EZLN conseguia vencer o controle que a mídia exercia sobre as informações envolvendo o movimento rebelde.

Essa mudança foi possível porque o advento da Internet desfez certezas que até a década de 80 pareciam inabaláveis, como a de que os meios de comunicação de massa, pela sua própria natureza, serviriam como mais um mecanismo de dominação, a serviço do poder – qualquer tipo de poder, fosse ele democrático ou totalitário, capitalista ou comunista. O que esses meios de comunicação (televisão, mídia impressa, rádio) tinham em comum era o fato de a mensagem partir de um emissor para muitos receptores.

Cebrián aponta que o impacto social da comunicação on-line não seria tão intenso se o sistema não estivesse baseado na interatividade. “Esta recupera para o indivíduo a possibilidade do diálogo, devolve-o, assim, à sua própria condição ética e o situa novamente no centro de Criação”, além de permitir “imaginar todo tipo de evoluções na relação do homem com seu meio” (1998, p 51).

Num sentido mais amplo, John Pavlik considera a interatividade um meio de influência recíproca. No contexto da tecnologia da informação, ela torna os participantes mais ativos, uma tendência que se intensificou nos anos 90, a partir do desenvolvimento das redes de telecomunicações e do aumento da capacidade de desempenho dos computadores pessoais. Uma definição de rede que parece conveniente usar é a de Dertouzos, segundo a qual ela resulta da união das tecnologias de computação e de comunicação, para formar a base de todas as infra-estruturas de informação. Assim que alguém conecta o seu computador a outros, espalhados por diversos lugares, forma uma rede, cujo objetivo é “transportar informação de modo confiável e rápido ao destinatário correto” (1997, p 401).

Esse cenário pressupõe, ainda, um novo paradigma tecnológico, com impacto sobre as transformações sociais. Segundo Castells, ele se caracteriza por ter a informação como matéria-prima. Uma diferença importante sobre as revoluções tecnológicas do passado, argumenta, é que a tecnologia agora age sobre a informação (e não o inverso), moldando diretamente “todos os processos de nossa existência individual e coletiva” e criando uma “lógica de redes”, que aparece adaptada à complexidade da interação e aos “modelos imprevisíveis do desenvolvimento derivado do poder criativo dessa interação” (1999, p 78).

O que Castells quer dizer é que os sistemas de informação integram tecnologias específicas (microeletrônica, telecomunicações, computadores), que por força da convergência vão influenciando outras (sequenciamento genético, robótica), e se abrem a novas ações, sempre

mais abrangentes, sem a determinação de uma ordem fechada, e que se modificam e se adaptam em seu desenvolvimento. É um conjunto de relações, ou melhor, de convergências, que têm impacto umas sobre as outras e no conjunto da sociedade. “Nos países avançados, a tecnologia da informação alterou, numa questão de anos, complexos sistemas sociais: produção industrial, educação, medicina, serviços assistenciais públicos, defesa, transportes e pesquisa. À medida que os computadores se tornam mais poderosos e versáteis, aproximando e ultrapassando as capacidades físicas e cognitivas humanas, mudanças mais profundas deverão ocorrer” (Preer, 1992, p 41).

Foi o que aconteceu na região de Chiapas, que não estava alheia às inovações associadas ao desenvolvimento do capitalismo. Essa parte do México tem considerável importância econômica, como fornecedora de matérias-primas e também pela exploração do turismo. O contato com estrangeiros, tanto visitantes quanto representantes de companhias petrolíferas e de energia elétrica, além de exportadores de madeira, café e carne, criou a base para o cosmopolitismo da população de Chiapas, da mesma forma que o constante intercâmbio de mão-de-obra, nacional e estrangeira.

Os zapatistas mudaram o modo clássico de atuação das guerrilhas latino-americanas não só pela sua concepção de busca de transição pacífica para uma nova sociedade – em oposição à conquista do poder pela força –, como também, e principalmente, pelo uso das novas tecnologias da comunicação. “A forma original de atuação dos neozapatistas distingue-os dos movimentos guerrilheiros tradicionais. Utilizando a Internet, os zapatistas travaram uma verdadeira guerra eletrônica, cuja principal arma foi sempre a palavra: colocada na rede, chegava em tempo real a qualquer lugar do mundo, gerando curiosidade, estima e solidariedade” (Di Felice, Muñoz, 1998, p11).

Esta solidariedade foi confirmada quando grupos de jovens, intelectuais, representantes de organizações não-governamentais, artistas e políticos, principalmente na Europa, responderam aos e-mails do subcomandante Marcos e pressionaram em seus países para que o governo mexicano suspendesse o cerco à selva de Chiapas e ao avanço militar sobre as comunidades indígenas, em busca dos zapatistas, em agosto de 1994. A iniciativa deu resultado e, a partir daí, a comunidade internacional manteria apoio permanente ao movimento, participando das consultas sobre como deveria ser a atuação dos rebeldes mexicanos.

Com isso, se originou “uma nova forma de pressão política e de conflito absolutamente difícil de ser controlada, pelo fato de não se dar mais em um lugar geográfico específico, mas sim em um espaço comunicativo sem limites” (Di Felice, Muñoz, 1998, p 18). A ausência de fronteiras físicas e o uso da Internet aproximam a ação política inovadora dos zapatistas da dos pioneiros das comunidades virtuais do outro lado da fronteira com os Estados Unidos, que também usavam os novos meios eletrônicos, desde uma década antes, para criar redes digitais interativas destinadas a influir nas questões de interesse popular.

Essa base popular era o maior capital dos zapatistas. O próprio governo mexicano, que de início tentou desqualificar o EZLN como sendo mais um grupo subversivo, teve mais tarde de reconhecer a legitimidade do movimento. Para os zapatistas, não foi só esta a principal consequência da pressão vinda de outros países. “A utilização da Internet se revelou uma verdadeira arma estratégica, possibilitando a quebra do cerco do exército, permitindo a informação e atuação conjunta da sociedade civil internacional, isto é, de sujeitos autônomos que através da rede poderiam intervir ativamente no conflito, através de pressões, caravanas eletrônicas e, sobretudo, vigiando a atuação do governo na área dos enfrentamentos” (Di Felice, Muñoz, 1998, p 25). A vigilância mundial também era uma questão de segurança, para um grupo que o exército preferia ver dizimado.

Os zapatistas compreenderam um princípio que determinou o sucesso da Internet: a possibilidade de expressão individual, algo até então virtualmente inacessível nos meios tradicionais, exceto talvez no impresso. A novidade, aqui, era a combinação da escrita com a oralidade – uma escrita informal e espontânea, expressa num texto eletrônico apresentado e recebido em tempo real, uma mistura de “formas de comunicação que antes eram separadas em diferentes domínios da mente humana” (Castells, 1999, p386). Os comunicados do subcomandante Marcos à comunidade internacional foram as primeiras manifestações políticas, de alcance global, dessa nova possibilidade aberta pela difusão da Internet.

Em termos conceituais, Rheingold vê na comunicação de muitos para muitos um novo paradigma, o da rede, em oposição ao da transmissão, no qual ela acontece de um para muitos (1993, p 244). Ele considera esse paradigma, da comunicação mediada por computador, de difícil compreensão para quem acompanhou as revoluções anteriores das comunicações. Seu argumento é o de quando a maioria das pessoas fala em comunicação de massa, está se referindo ao

paradigma da transmissão, na medida em que elas mesmas se vêem como receptoras de informações que provêm de uma única fonte (um canal de TV, uma estação de rádio, um jornal, ou revista).

Rheingold chama atenção para o fato de que um meio tão poderoso não foi compreendido, de imediato, por um público habituado com o paradigma da transmissão. Esse detalhe foi particularmente relevante no caso dos zapatistas, na medida em que o governo mexicano foi surpreendido pela repercussão das mensagens eletrônicas do subcomandante Marcos – uma surpresa acentuada pela segurança até então proporcionada pelo controle do PRI sobre as tevês e a imprensa. Essa dificuldade da sociedade em perceber a natureza de uma tecnologia é um dos pontos centrais das teorias de Marshall McLuhan. Para ele, a maioria das pessoas adota uma “visão de espelho retrovisor” do mundo. “Em plena era eletrônica do software, do movimento de informação instantânea, nós ainda acreditamos que estamos vivendo na era mecânica do hardware” (McLuhan, 1995, p 238). Ele acreditava que os novos meios se tornam invisíveis, porque a sociedade só percebe o que os precederam e está sempre “um passo atrás” na sua visão de mundo.

Em 15 de janeiro de 1998, o subcomandante Marcos assinava o comunicado A História dos Outros, no qual chamava atenção para o impacto interno das mobilizações favoráveis aos zapatistas em 27 países. “O governo mexicano e essa organização criminosa chamada PRI (Partido Revolucionário Institucional, que então se perpetuava no poder) estão bastante incomodados com a internacionalização do conflito provocada por essas manifestações. Parece que aquilo que chamaram pejorativamente de uma guerra de Internet provocou-lhes dores de cabeça em embaixadas e consulados”. (Di Felice, Muñoz, 1998, p 235).

Um ponto que ao largo das análises de McLuhan diz respeito aos aspectos políticos e econômicos das novas tecnologias, cujas relações com o sistema capitalista não são menos decisivos para o desenvolvimento da sociedade da informação. No mínimo, porque os conflitos inerentes ao capitalismo, nos estágios do pré-industrialismo e do industrialismo, se reproduzem na chamada fase pós-industrial, marcada pela reestruturação dos modos de produção com base nas mudanças tecnológicas surgidas no final do século 20. Simon Nora e Alain Minc apontam que, para além do mundo da produção material de bens, a sociedade da produção vai moldando “as novas necessidades em função de seu projeto, seus modos de regulação e seu modelo

cultural”. “Ela é lugar de uma infinidade de conflitos descentrados, não-articulados e não-dependentes de uma análise unificadora. (...) Seus próprios valores serão objeto de rivalidades múltiplas, com solução incerta: será uma sociedade aleatória. Quanto mais progredir a história, mais as pessoas a fazem, e menos sabem qual história moldam” (1980, p 130).

Essa conclusão vai ao encontro do que Castells diz sobre os impactos sociais e culturais da comunicação mediada por computadores. “O modo de comunicação eletrônica multipessoal representado pela comunicação mediada por computador tem sido usado de formas diferentes e para diferentes finalidades, tantas quantas existem no âmbito da variação social e contextual entre seus usuários” (1999, p 386).

Esse princípio é reconhecido por Di Felice e Muñoz na sua análise do zapatismo, ao apontarem que “as técnicas modernas de comunicação mudaram a relação (do movimento) com a sociedade civil, que passou de interlocutora estratégica a parte integrante do movimento”. Em seus comunicados à imprensa internacional, o subcomandante Marcos nunca deixou de estabelecer o zapatismo como um contraponto às vanguardas revolucionárias tradicionais, a começar pela discussão da própria estratégia com as comunidades indígenas das montanhas de Chiapas.

McLuhan anteviu esse tipo de ação, quando apontou que o uso de qualquer meio produz conseqüências sociais de acordo com o seu alcance sobre as atividades humanas. E no caso das tecnologias da automação, ele aponta que elas são integrais e descentralizadoras, onde as máquinas eram fragmentárias (o princípio da linha de montagem) e centralizadoras. Uma determinada estrutura social possibilitou o surgimento dos processos industriais e foi modificada por eles. Assim, a nova economia da informação pode ser melhor compreendida através das mudanças que ela provoca sobre as estruturas sociais, os valores e as aspirações das sociedades (Smith, 1993, p. 12).

Se o entorpecimento de um sentido leva ao aguçamento de outro, como pregava McLuhan, o meio digital, da mesma forma, realça as limitações dos demais. A diferença do computador para a televisão, ou qualquer outra mídia eletrônica, é que ele se coloca entre “o concreto e o abstrato” e, dessa maneira, permite “diferentes tipos de uso, oferecendo oportunidades sem paralelo para a apropriação pessoal. As pessoas são capazes de fazer dos computadores algo pessoal, do seu próprio modo” (Turkle, 1993, p. 19). Um aspecto central é

que a comunicação, nesse contexto, é menos unidirecional. E quando modos de transmissão e armazenamento de informação mudam, pode-se prever, também, alterações significativas nas relações sociais (Clark e Blankenburg, 1973, p. 242). “A profunda transformação vem do fato de que cada um – indivíduo, associação, empresa – pode tornar-se criador e transmissor de informações” (Bastien, 2000, p. 21).

Explica-se, assim, o enorme fascínio político gerado pelo zapatismo. Havia nele um apelo quase irresistível à esquerda européia, frustrada tanto pelo fracasso do chamado socialismo real, quanto pela violência dos grupos guerrilheiros convencionais. “O zapatismo não é uma nova ideologia política nem um cozido de velhas ideologias. O zapatismo não é, não existe. Só servem, como servem as pontes, para atravessar de um lado para o outro. Portanto, no zapatismo cabem todos, todos os que quiserem atravessar de um lado para o outro. Cada qual tem o seu o outro lado. Não há receitas, linhas, estratégias, táticas, leis, regulamentos ou palavras de ordem universais. Há apenas um anseio: construir um mundo melhor, isto é, novo”, diz o comunicado Pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo, de maio de 1996. (Di Felice, Muñoz, 1998, p 160).

O zapatismo era a resposta para os que ainda procuravam por um sentido na reação à hegemonia do liberalismo e ao descrédito das ideologias. Ao mesmo tempo em que ele revelava a emergência de novos atores sociais, apontava o caminho para formas inovadoras de mobilização social, num movimento que Sousa Santos (1995, p 256) atribui ao isolamento político do movimento sindical. “Na era da desilusão, depois da queda do Muro e da crise internacional da esquerda, o EZLN lançou a internacional da esperança, num encontro intercontinental pela humanidade e contra o neoliberalismo, cujo objetivo, entre outros, foi criar uma rede internacional de movimentos, grupos, entidades, homens e mulheres que lutam, em cada lado do planeta, contra a internacional do terror” (Di Felice, Muñoz, 1998, p 25). Essa rede internacional tomaria forma mais definida logo a seguir, no final de 1999, não mais no meio da floresta tropical, mas em Seattle, no centro do teatro político mundial, durante os protestos de rua contra a reunião da Organização Mundial de Comércio (OMC) que se tornariam outro paradigma para a ação dos ativistas on-line no mundo inteiro.

As relações sociais e a comunicação adquirem, portanto, um novo sentido na esfera das redes digitais. Esse sistema pressupõe o que Nora e Minc chamam de um projeto coletivo de informação socializada, que se apóia em regulações autônomas, não tuteladas pelo Estado, algo

até então ausente nos meios de comunicação, tanto no sistema liberal (direcionado às demandas do mercado) quanto nos regimes marxistas (de controle estatal). “A informação descendente é mal aceita, porque é experimentada como o prolongamento de um poder, como uma manipulação: será cada vez mais necessário que seus destinatários estejam associados a sua elaboração, que os receptores sejam emissores e que as emissões levem em conta as condições de recepção” (1980, p 133).

Castells considera importante essa horizontalidade, sugerida por Nora e Minc. Para ele, o que caracteriza o novo sistema de comunicação é “sua capacidade de inclusão e abrangência de todas as expressões culturais” (1999, p 196). Para que esta condição seja atendida, os receptores/emissores teriam de ser capazes de “fabricar, processar e comunicar sua própria informação” (Nora e Minc, 1980, p 134). Ou, como apontado por Castells, delinear os processos de liberação na sociedade comunicacional. Isto implica que “a maior parte dos cidadãos possa se constituir em coletividades ou associações, públicas ou privadas, e organizar-se para reunir e explorar a informação que legitima seu projeto” (Nora e Minc, 1980, p 134).

Além da transmissão horizontal da rede, que torna todos os seus participantes transmissores e receptores, ao mesmo tempo, Cebrián destaca o desenvolvimento “fractal”, “caótico” e desordenado da Internet, que faz com que qualquer usuário possa navegar sem controle e se relacionar com outros internautas, gerando sempre efeitos exponencialmente maiores que aqueles que o originaram; e, por último, a globalidade do processo de comunicação, ou seja, as informações circulam, em princípio, sem respeitar fronteiras (1998, p 60).

Uma promessa clara das novas tecnologias é o aumento na comunicação de todas as formas, entre indivíduos e também entre pessoas e bancos de informação ou cultura, com o estabelecimento de canais e a remoção de barreiras sociais e físicas, com a aceleração das transmissões e a redução de custos.

(McQuail, 1987, p. 439)

As novas tecnologias, como já foi visto, fornecem as condições para a informação socializada, mas é discutível a suposição de que elas têm de ser acessíveis à maioria das pessoas, como se seu uso dependesse da democratização do acesso. Elas permitem a formação de grupos organizados em torno de interesses comuns, mesmo que seu uso seja restrito. O processo de

inclusão das diversas expressões culturais pode ser considerado, de certa forma, evidência de um aspecto democratizante dos novos meios.

Fazendo, simultaneamente, a crítica do novo estágio de regulação social do capitalismo e os métodos de ação clássicos do marxismo e do movimento sindical, os zapatistas se voltavam contra os paradigmas da modernidade política. Para Sousa Santos, “não há uma pré-constituição estrutural dos grupos e movimentos de emancipação, pelo que o movimento operário e a classe operária não têm uma posição privilegiada nos processos sociais de emancipação” (1995, p 258). Enquanto isso, o EZLN abraçou as tecnologias que essa mesma modernidade produziu, por ironia, na fase mais avançada do sistema capitalista. Descobriu nelas um novo meio de comunicação, não apenas regional, localizado, mas com todo o mundo.

A estrutura da rede, como a dos demais meios eletrônicos, se formou a partir do grande capital e continua dependente de investimentos maciços de corporações internacionais no setor de telecomunicações – um traço característico do estágio atual de globalização capitalista, combatida pelo zapatismo. A diferença fundamental é que, pela rede, a comunicação deixou de ser centralizada. Qualquer um pode ser o emissor, de qualquer ponto do planeta, com um mínimo de recursos técnicos e financeiros.

Essa característica não faz com que a Internet seja mais democrática, apesar de ela ser apropriada por ativistas antiglobalização. O acesso a ela é limitado, por pressupor não só disponibilidade financeira como conhecimento, um repertório cultural capaz de fazer com que o sentido da comunicação na rede seja compreendido. Esses requisitos excluem milhões de pessoas e colocam nações inteiras praticamente à margem da revolução digital. “Boa parte da população do mundo em desenvolvimento está excluída das fronteiras de qualquer comunidade virtual”, aponta Pavlik, assim como os pobres e favelados das mais avançadas sociedades da informação (1996, p 311).

Castells, contudo, não é tão cético quanto à democratização do uso da comunicação mediada por computadores. Seu argumento é o de que sua assimilação pela sociedade se dá em ondas concêntricas, vai se irradiando do centro – dos círculos mais elitizados, cultural e economicamente – para a periferia, tanto em termos globais (dos países ricos para os mais pobres) quanto localizados (das primeiras tribos de usuários para o público em geral, dentro dos Estados Unidos). Ele toma cuidado, porém, em circunscrever o alcance das novas tecnologias da

informação a um público menos abrangente que os demais meios de comunicação de massa. “Com certeza, em um futuro próximo, o uso da CMC se expandirá principalmente via sistema educacional e alcançará proporções substanciais da população do mundo industrializado: não será um fenômeno exclusivo das elites, embora deva ser muito menos penetrante que a grande mídia” (1999, p 383). Castells exclui do alcance da nova mídia “grande segmentos da massa sem instrução, bem como países pobres” (1999, p 384).

Nora e Minc reconhecem que a mudança de um sistema de comunicação vertical para um horizontal exige a “ascensão para o centro dos desejos dos grupos autônomos, a multiplicação ao infinito das comunicações laterais” (1980, p 134).

Na Segunda Declaração de la Realidad, datado de 3 de agosto de 1996, o Comitê Clandestino Revolucionário Indígena do Comando Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional refletia esse princípio e antecipava o que seria Seattle, três anos mais tarde, declarando que faria “uma rede de comunicação entre todas as nossas lutas e resistências. Uma rede intercontinental de comunicação alternativa contra o neoliberalismo, uma rede intercontinental de comunicação alternativa pela humanidade. Esta rede intercontinental de comunicação alternativa tentará cruzar os canais para que a palavra caminhe todos os caminhos que resistem; será o meio para que se comuniquem entre si as diferentes resistências. Esta rede intercontinental de comunicação alternativa não é uma estrutura organizativa, não tem centro de direção nem de decisões, não tem comando central nem hierarquias. A rede somos todos que nos falamos e escutamos”.

## CONCLUSÃO

Os zapatistas não estão perdidos na selva, como Che Guevara na Bolívia. Estão fazendo a sua revolução sem os operários, sem os panfletos e sem as cartilhas de Mao ou Lênin, mas colocando em prática o que Boaventura de Sousa Santos chama de “teoria democrática pós-moderna”, que pressupõe novas formas de exercício da democracia, nas quais as transformações prolongam-se “no sentido de eliminar os novos mecanismos de exclusão da cidadania, de combinar formas individuais com formas coletivas de cidadania”. O papel das novas tecnologias da comunicação – e o uso da Internet, em particular – nesse processo merece atenção, na medida

em que elas permitiram a redefinição do próprio conceito de guerrilha. A revolução não está sendo televisada; ela chega em tempo real a toda parte do planeta, a um toque do mouse.

## BIBLIOGRAFIA

BASTIEN, Louise. As Novas Tecnologias a Serviço da Cultura. Label France. Paris: Ministério das Relações Exteriores da França, n. 41, p. 20-21. Outubro, 2000.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. S. Paulo: Paz e Terra, 1999.

CEBRIÁN, Juan Luis. A Rede: Como Nossas Vidas Serão Transformadas pelos Novos Meios de Comunicação. São Paulo: Summus, 1998.

CLARK, David, BLANKENBURG, William. You & Media: Mass Communication and Society. San Francisco: Canfield Press, 1973.

CLEAVER, Harry. Zapatistas and the Electronic Fabric of Struggle. In: HOLLOWAY, John, PELÁEZ, Eloína (eds.). Zapatista! Reinventing Revolution in Mexico. London: Pluto Press, 1998.

DERTOUZOS, Michael. O Que Será. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DI FELICE, Massimo, MUÑOZ, Cristobal. A Revolução Invencível – Subcomandante Marcos e EZLN. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.

MCLUHAN, Eric, ZINGRONE, Frank (Orgs). Essential McLuhan. Nova York: Basic Books, 1995.

MCLUHAN, Marshall. Understanding Media: The Extensions of Man. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1965.

MCQUAIL, Denis. Research on New Communication Technologies: Barren Terrain or Promising Arena? In: DUTTON, William, BLUMLER, Jay, KRAEMER, Kenneth (Orgs). Wired Cities: Shaping the Future of Communications. Boston: G.K. Hall & Co., 1987, p. 431-445.

NORA, Simon, MINC, Alain. A Informatização da Sociedade. Rio de Janeiro: FGV, 1980.

PAVLIK, John. New Media Technology and the Information Superhighway. Needham Heights, Mass.: Allyn & Bacon, 1996.

PREER, Robert. *The Emergence of Technopolis: Knowledge-Intensive Technologies and Regional Development*. Nova York: Praeger Publishers, 1992.

RHEINGOLD, Howard. *The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier*. Nova Iorque: Harper Perennial, 1993.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade*. São Paulo: Cortez, 2000 (1995).

SMITH, Anthony. *Technology's Hidden Social Agenda*. In PAVLIK, John, DENNIS, Everette (Orgs.). *Demystifying Media Technology: Readings from the Freedom Forum Center*. Mountain View, CA: Mayfield Publishing Company, 1993.

TURKLE, Sherry. *Computational Seductions – The Roots of Computer Holding Power*. In: PAVLIK, John, DENNIS, Everette (Orgs.). *Demystifying Media Technology: Readings from the Freedom Forum Center*. Mountain View, CA: Mayfield Publishing Company, 1993, p. 18-25.